

**VANGUARDA
INOVAÇÃO**

Com o objetivo de compreender os pontos em comum e as diferenças nas mais recentes propostas de experimentação de linguagem no cinema e nas demais artes, Filme Cultura procurou especialistas de outras áreas para falar sobre as circunstâncias atuais. A eles, apresentamos a seguinte questão:

Por onde passam hoje a inovação e a experimentação, seja na sua área ou em geral? Você pode dar exemplos de nomes ou obras?

As respostas que nos foram dadas por estas figuras de destaque da literatura, do teatro, dos quadrinhos, das artes plásticas e da TV podem ser lidas a seguir.

Paulo Henriques Britto

poeta, tradutor e professor



“Há que distinguir o conceito de vanguarda de outro, estreitamente a ele associado: o de experimentalismo. Aqui a metáfora é cientificista em vez de militar: o artista experimental é aquele que, tal como o cientista que elabora experimentos no laboratório em prol do progresso da ciência, desenvolve inovações que levariam a avanços no campo da arte. Quando não assumiu um papel radical de demolidor niilista, o artista de vanguarda era muitas vezes experimental neste sentido, pois precisamente por se dedicar à “pesquisa de formas” ele ajudava a traçar o futuro para o qual abria caminho. (...)”

Meu ponto é que - tal como já havia experimentação artística antes dos meados do século XIX - após o fim das vanguardas, quando se tornou anacrônica a figura do artista que quer com cada obra inventar uma nova linguagem para sua arte, continuará a haver inovação artística e novos experimentos em arte. Em todas as áreas de criação continuarão a surgir processos e linguagens novas, ora buscados de modo calculado, ora produzidos mais intuitivamente; alguns ficarão na história como curiosidades apenas, enquanto outros darão uma inflexão diferente ao desenvolvimento de uma determinada arte. Para dar exemplos do cinema, o *close-up* e o cinema falado foram inovações técnicas férteis; por outro lado, o Cinerama e o processo Smell-o-vision criado por Mike Todd, Jr. foram (em graus diferentes) improdutivos.

Para encerrar, algumas palavras sobre a poesia brasileira. (...) O poeta de 2011 pode optar por escrever uma sestina ou criar um poema visual e sonoro num blogue. Assim, na obra de alguns dos mais importantes poetas contemporâneos, como Claudia Roquette-Pinto e Carlito Azevedo, podemos encontrar elementos do concretismo, retrabalhados e combinados com recursos mais tradicionais. Outros, como Antonio Cicero, combinam forma clássica e dicção coloquial; e a profusão polifônica de vozes que marca a poesia de Francisco Alvim tem mais de um traço em comum com o informalismo anárquico da geração mimeógrafo. Ricardo Domeneck produz uma lírica confessional que mais uma vez evoca a geração mimeógrafo, mas acumula referências e citações políglotas à maneira de Haroldo de Campos. Poetas

como esses, e muitos outros que eu poderia mencionar, estão, cada um a seu modo, experimentando com a linguagem poética, embora não possam ser considerados artistas experimentais como os do tempo das vanguardas; e não temos nenhum motivo para duvidar que no futuro experimentos continuem a ser realizados na poesia, como em todas as artes. O ocaso do vanguardismo experimental não é a morte da experimentação artística: é apenas o fim de um longo capítulo.”

Leia a íntegra da resposta de Paulo Henriques Britto em www.filmecultura.org.br



José Roberto Aguilar

artista plástico, escritor e *bandleader*

“É uma impressão subjetiva, claro. Eu acho que a vertente para uma inovação passa pelo cinema, que está sendo cooptado pelas artes plásticas.

Esta junção é poderosa. Primeiro, quebra o enredo linear baseado em ação, o tempo determinado pelo espetáculo, e assim devolve um envolvimento livre do tempo e dos racionalismos. É sintomático a última Bienal de São Paulo estar coalhada de vídeos. Um exemplo maior é o do diretor tailandês ganhador da Palma de Ouro, também presente na Bienal, Apichatpong Weerasethakul.”

Bia Lessa

encenadora de teatro e ópera, cenógrafa e designer de exposições e museus

“Acho que as grandes inovações e experimentações passam hoje pelas ciências exatas – nada nos cria maiores questionamentos do que as novas possibilidades abertas pelo universo científico. Penso que saímos da linha de frente e que estamos buscando um novo espaço. Nesse sentido acho que os espetáculos, sejam eles em teatro, música ou ópera, estão cada vez mais difíceis de serem realizados. Por essa razão as linguagens começam a se misturar na esperança de estabelecer um novo universo de possibilidades - mas eu, particularmente, estou descrente desse caminho apesar de tê-lo utilizado em alguns dos meus trabalhos.

Zé Celso e Antunes Filho em teatro ainda são imbatíveis. Eles estão na linha de frente, no meu entender. Alguns momentos de suas obras atuais são suficientes para nos proporcionar momentos de emoções e transformações profundas. Instantes dentro de grandes percursos. Cito a obra de Paulo Mendes da Rocha, Tadao Ando, o escritório Sanaa em arquitetura; a música de Egberto Gismont, Caetano e Bethania; Pina Bausch, o maestro Sergiu Celibidache. Fiquei emocionada com o último filme do Godard, *Filme socialismo*.”





Luiz Camillo Osorio

crítico de arte

“A inovação e a experimentação seguem sendo coisa rara, mas passam por vários lugares no meio de arte. Ela pode estar nas pinturas de Sean Scully, nos filmes e desenhos de William Kentridge, nas ações propostas por Tino Sehgal ou Laura Lima, nas instalações de Ernesto Neto ou Janet Cardiff etc. Citei estes exemplos - e poderia citar outros - para mostrar que a diferença do novo não está ligada a um suporte ou meio expressivo, não tem nada a ver com evolução tecnológica (nem é contra ela), mas se apresenta como uma surpresa estética: algo que nos tira das fórmulas constituídas e nos faz poder perceber as coisas de um modo singular. É claro que com a proliferação de museus e com um mercado de arte aquecido, há uma demanda inflacionada por obras de arte. A quantidade não implica qualidade, tampouco é contrária a ela. Sempre houve um excesso de obras que com o tempo foram sendo filtradas pela história, sobrando o osso poético. As reservas técnicas estão abarrotadas de obras expelidas. Do contraste nascem as diferenças e estas se manifestam, de início, com o que chamei de surpresa estética – que está relacionada à inovação e à experimentação. O resto é especulação e *business*, que estão no meio de tudo e não adianta reclamar. Cabe a cada um e à história separar o joio do trigo.”



Heloisa Buarque de Hollanda

professora e editora

“Do meu ponto de vista, a literatura brasileira está num momento áureo. A nova geração está entrando com força, criando seu público leitor, é uma geração que tem uma formação literária com forte *input* de imagens, música, quadrinhos, cliques etc. Então você vê uma literatura quase multiplataforma, mesmo que só use a palavra impressa. Outra enorme novidade é a emergência do nicho de literatura infanto-juvenil. Adolescentes estão lendo! É verdade que essa geração está superatraída por um mundo de vampiros e bruxos(as), mas o interesse pela leitura aumenta e começa a chegar em outros tipos de literatura. E, por último, as duas perspectivas de inovação que estão chegando e fazendo barulho: a literatura produzida nas periferias, que vem com dicção própria e trazendo uma nova relação com a criação e com a própria leitura, e o universo da *web*, que para mim é o grande laboratório literário desse momento. A convergência de mídias e linguagens, os recursos de participação e expressão são quase infinitos, os *games* sinalizam novos formatos narrativos para a novela e para o romance. Enfim, teremos surpresas no pacato mundo das Letras.”



Novos nomes: Cecília Gianetti, João Paulo Cuenca, Andréia del Fuego, Alice Santana.

Periferia: Ferrez, Alessandro Buzo, Sacolinha, Allan da Rosa, Nelson Maca, Sergio Vaz.”



Ota

quadrinista

“O mundo está mudando e as novas mídias dão uma nova dimensão aos quadrinhos e à animação. Estamos num momento de transição, mas ainda no início dessa nova era, e a humanidade ainda está se adaptando. Mas acredito que ainda não descobriram o jeito certo de fazer as coisas.”

Minhas áreas são quadrinhos e animação. Os quadrinhos tais como os conhecemos, em papel impresso, não devem morrer tão cedo nas edições de colecionadores, mas na transição para os

formatos eletrônicos podem ter implementos. Afinal, se antes as imagens não podiam se mexer por serem impressas em papel, agora elas podem quando lidas em e-books. Então podem ser como as imagens dos livros e jornais do universo de Harry Potter, onde são todas animadas. Há que ter cautela no uso desses recursos, para não desvirtuar muito a linguagem. Já a animação tende, num futuro não muito distante, a se mesclar com a holografia. Já existe tecnologia para isso, porém os custos são proibitivos para produzir de um jeito acessível às massas. Sem contar com o recurso da interatividade, que pode ser utilizado também. Mas é preciso que ambos os lados da indústria – os criadores e os produtores – se adaptem à transição. O conteúdo é fundamental, e a responsabilidade é maior para os criadores... sem uma boa história não adianta ter toda a tecnologia à disposição.

Estou certo de que alguém vai descobrir o caminho e dar um passo que coloque tudo num novo patamar... mas acho que ainda é cedo para citar nomes.”

Luiz Fernando Carvalho

cineasta e diretor de TV

(...)

“Gostaria que chegasse até vocês essa ideia do vazio da invenção de onde parto sempre; que, desde que existe, no século XIX, esta mesma linguagem não cessa de se esvaziar, seja na Literatura, nas Artes Plásticas, ou depois, como agora, no próprio Cinema, ou mesmo na Televisão ou através das novas mídias.

Gostaria, ao menos, de apresentar a necessidade de abandonar uma ideia preconcebida, ideia de que uma invenção se faz de si própria, segundo a qual ela já é uma linguagem, possível de pertencer a um contexto de “invenções”, inventadas como as outras, mas suficientemente e de tal modo escolhidas e dispostas que, através delas, passe algo de inefável.

Parece-me, ao contrário, que a invenção não é, desde sempre, desde sua origem, feita de algo inefável. Ela é feita de algo “tátil”, de algo constituído por nossos sentidos; portanto, poderia ser chamada de fábula, no sentido rigoroso e originário do termo. Então, a invenção é feita de algo que deve e pode ser “experimentado” e construído: uma fábula que, todavia, dependendo do traçado de seu artesão, pode ser reproduzida numa linguagem de ausência, assassinato, duplicação ou simulacro.

(...)

Quando uma invenção é uma invenção?

O paradoxo de um filme reside no fato de só ser Cinema no exato momento de seu começo, na tela ainda em branco – e que permanece em branco, quando nada ainda foi projetado na sua superfície.

O que faz com que a Literatura seja Literatura, que a linguagem escrita em um livro seja Literatura, é uma espécie de ritual prévio que traça o espaço da consagração das palavras. Poderíamos, substituindo a palavra Literatura pela palavra Cinema, dizer então que o que faz com que um filme seja Cinema, [que a linguagem visual de um filme seja Cinema], é uma espécie de ritual prévio que traça o espaço da invenção das Imagens.



Então, quando a página em branco começa a ser preenchida, quando se começa a transcrever palavras nessa superfície ainda virgem, cada palavra [assim como no Cinema, cada imagem] se torna, de certo modo, absolutamente decepcionante com relação à imaginação Literária ou Cinematográfica, pois não há nenhuma palavra ou nenhuma imagem que pertença, por essência, por direito de natureza, à Literatura ou ao Cinema, ou até mesmo às novas mídias.

De fato, desde que uma palavra esteja escrita na página em branco, ela deixa de ser Literatura, assim como desde que uma imagem é projetada em uma tela em branco deixa de ser Cinema. Quero dizer que a invenção de cada palavra ou imagem é, de certo modo, uma transgressão da essência pura, branca, vazia e sagrada da Imaginação, que faz de toda invenção não uma realização Literária ou Cinematográfica, mas sua ruptura, sua queda, seu arrombamento.

A invenção é uma queda para o alto.”

Leia a íntegra da resposta de Luiz Fernando Carvalho em www.filmecultura.org.br

Silviano Santiago

escritor e crítico literário

“Cito a passagem do livro de Jean Genet sobre Giacometti:

‘Aceito mal o que em arte se designa por inovador. Deverá uma obra ser entendida pelas gerações futuras? Por quê? Que quererá isso dizer? Que elas poderão utilizá-la? Em quê? Não vejo bem. Já vejo melhor – ainda que muito obscuramente –: toda a obra de arte que pretenda atingir os mais altos desígnios deve, desde o início e com paciência e uma infinita aplicação, recuar milênios e juntar-se, se possível, à imemorial noite povoada pelos mortos que irão reconhecer-se nessa obra.

Nunca, nunca, a obra de arte se destina às novas gerações. Ela é oferenda ao inúmero povo dos mortos. Que a acolhem. Ou rejeitam. Mas os mortos de que falo nem vivos foram. Ou então esqueci-os. Porque foram-no suficientemente para que os esqueçam, já que a vida teve como fim levá-los a cruzar esta tranquila margem de onde aguardam – ido daqui – um sinal reconhecível.

(...)

Giacometti tem um modo de falar rude, como se escolhesse a dedo a entoação e os termos mais próximos da linguagem corrente. Parece um tanoeiro.

Ele – Viu-as em gesso... lembra-se do gesso?

Eu – Sim.

Ele – Acha que perdem por ser bronze?

Eu – Não. Nada.

Ele – E ganhar, ganham?

Hesito de novo proferir a frase que melhor se aplica aos meus sentimentos.

Eu – Você vai voltar a rir-se, mas curiosamente eu não diria que elas ganham, mas sim que o bronze ganhou. Pela primeira vez na vida o bronze acaba de triunfar. As suas mulheres são uma vitória do bronze. Sobre o próprio bronze, creio.”

